



BORDADOS DE CORPUS: OS SILÊNCIOS NOS PRATICAM

CORPUS EMBROIDERY: THE SILENCES PRACTICE US

BORDADO DE CORPUS: LOS SILENCIOS NOS PRACTICAN

Helena Bastos

Helena Bastos

Professora livre-docente do programa de pós-graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. helenabastos@usp.br Área de Concentração: Artes Cênicas
Linha de Pesquisa Corporeidades, memórias e representações cênicas contemporâneas. Coordenadora do Laboratório de Dramaturgia do Corpo (LADCOR), cofundadora do Musicanoar (1992). Artista do corpo, dançarina e coreógrafa. Cofundadora da Associação Nacional dos Pesquisadores em Dança (ANDA), em 2008.

Resumo

Há uma tendência de estarmos replicando respostas num certo automatismo, que não colaboram a criarmos mergulhos mais verticais sobre outras possibilidades de agir em diálogo com um pensamento. Esse automatismo também contamina nossas ações em artes. A partir dessas evidências, propomos *Bordados de corpus* como uma ação performativa que vai nos delineando o valor de qualquer vida, enunciando um modo de existir na fricção de um comum. O desafio é como potencializarmos distintas vozes que habitam esse comum.

Palavras-chave: ação performativa, *Corpo sem vontade*, *Minhocar*

Abstract

There is a tendency for us to be replicating responses in a certain automatism, which does not collaborate to create more vertical dives on other possibilities of acting in dialogue with a thought. This automatism also contaminates our actions in the arts. From this evidence, we propose *Bordados de corpus (Corpus embroidery)* as a performative action that gradually outlines the value of any life, enunciating a way of existing in the friction of a common. The challenge is how to leverage different voices that inhabit this common.

Keywords: performative action, *Corpo sem vontade*, *Minhocar*

Resumen

Hay una tendencia a que estemos replicando respuestas en cierto automatismo, que no colaboran en la creación de más inmersiones verticales sobre otras posibilidades de actuar en diálogo con un pensamiento. Este automatismo también contamina nuestras acciones en las artes. A partir de esta evidencia, proponemos el *Bordado de corpus* como una acción performativa que va delineando el valor de cualquier vida, enunciando un modo de existir en la fricción de un común. El desafío es cómo potenciar diferentes voces que habitan este común.

Palabras clave: acción performativa, *Corpo sem vontade*, *Minhocar*

O que nos está sendo apresentado?

Como ligamos o que aparentemente está no automático? O que é presente? Dessas inquietações, outras perguntas: O que está acontecendo com o corpo? Desde os anos 1990, nossa percepção foi sendo treinada a ver muita coisa ao mesmo tempo. Nós somos corpo com essas mudanças. Não fazemos uma coisa por vez há muito tempo. Há muito tempo não ficamos muito tempo sem nos deter em uma coisa. Gradualmente, fomos entendendo a pertinência dos estudos do corpo para compreender que o tempo todo nos utilizamos de procedimentos de aproximações para falar sobre determinados assuntos que trazem junto seus contextos e sobre como nos mobilizamos e nos afetamos com eles. Essas instâncias se dão de modo entrelaçado, coimplicado¹. Soma-se ainda como as relações entre corpo e ambiente estão totalmente comprometidas entre si, criando e atualizando conforme seus ambientes vão se transformando. Por isso, usamos o tempo gerúndio, as informações do mundo vão *corpando*² em nós à medida que mudanças vão ocorrendo. Tais transformações se dão tanto no corpo como nos contextos que sempre estão entrelaçados entre si e em um *continuum* processo de mudança.

A partir dessas premissas, cujo tempo é cada vez mais escasso e cujas expectativas são cada vez maiores, as demandas de nossos cotidianos vêm nos evidenciando que o corpo não está dando conta e por isso vamos agindo de modo mais automatizado. Tal condição vem gerando impactos negativos na saúde mental das pessoas e conseqüentemente nos processos cognitivos. Assim, refletimos sobre estratégias que podem colaborar para pensarmos outros jeitos de conviver com tais transversalidades temporais.

¹ Apresenta-se o termo “coimplicado” sublinhando que as implicações apontadas são mais que estar junto ou lado a lado. Como são instâncias que agem comprometidas umas nas outras, a mudança de uma transforma tudo. Por isso, a escolha da noção de coimplicação. Apontamos essa coerência de escrever tudo ligado, isto é, coimplicado.

² A pesquisadora Helena Katz nos apresenta o verbo “corpar”, para sustentar epistemologicamente o que vai fazendo o corpo existir. Essa ideia é um ajuste que, no tempo, foi se impondo na atualização da Teoria Corpomídia (2005). Outros aprofundamentos no tema, consultar o texto “Corpar. Porque corpo também é verbo” (KATZ, 2021, 19-30) inserido no livro BASTOS, Helena (org.). **Coisas vivas. Fluxos que informam**. São Paulo: ECA-USP, 2021.

Figura 1. Ação Bordados de corpus, Largo da Batata, São Paulo, 2019.



Registro da autora.

Como solidez e flexibilidade podem ser combinadas. Mover-se sem músculos.

Diante da complexidade desse mundo, nossa intenção é refletir sobre outras estratégias que cada vez mais nos impõem uma urgência no enfrentamento de questões que não são simples. Não à toa, há uma tendência de estarmos replicando respostas num certo automatismo, que não colabora para criarmos mergulhos mais verticais e simultaneamente expandidos sobre outras possibilidades de agir. Consequentemente, uma reflexão crítica fica ainda mais comprometida nesse ambiente. Não nos esqueçamos de que qualquer mudança vem acoplada a um movimento. Só mudamos se nos movemos. Mas como seria tal estratégia?

Convidamos a olharem as plantas. Um primeiro exercício é reconhecermos que a figura humana não é o centro desse mundo. Para o botânico italiano Stefano Mancuso, um real potencial para a solução dos problemas que nos afligem está nas plantas, implicadas na autonomia energética, unidas a uma arquitetura cooperativa, semeadas sem um único núcleo de comando. Tais características fazem das plantas seres vivos

capazes de combater frequentes eventos catastróficos e de se adaptar com rapidez a enormes mudanças climáticas. No embasamento desse argumento, Mancuso nos recorda: “Foi justamente em 1896, poucos meses após a invenção oficial do cinema, que o botânico Wilhelm Friedrich Philip Pfeffer (1845-1920), já no auge de sua maturidade científica, fez pela primeira vez um filme com *time lapse*” (MANCUSO, 2019, p. 60).

Poder expor os movimentos das plantas e acelerá-los, a fim de que pudessem ser estudados como resultado do comportamento da planta, transformou-se, para Pfeffer, em uma verdadeira evocação, conforme nos é descrito:

A tentativa de Pfeffer de evidenciar a toda a habilidade motora das plantas foi a primeira a ter sucesso na história da ciência. Poucos após a primeira exibição dos irmãos Lumière, Pfeffer, na verdade, foi capaz de apresentar a um público estupefato de botânicos as aplicações sensacionais dessa nova técnica. Pela primeira vez na história, era possível ver plantas em ação, estudar seus movimentos e, portanto, seus comportamentos. Diante da expressão atônita dos colegas, o botânico alemão mostrava em sequência o florescimento de uma tulipa, os movimentos diurnos e a *nictinastia* – ou o sono das plantas – da *Mimosa pudica* (ainda ela), o movimento contínuo dos *Desmodium gyrans* (planta telégrafo ou planta dançante) e, finalmente, a pérola da coleção, a coisa mais difícil de se mostrar: o crescimento e o movimento exploratório da raiz no solo, tão semelhante ao movimento subterrâneo de uma formiga ou uma minhoca. (MANCUSO, 2019, p. 61)

Essa nova dimensão da realidade trouxe consequências, na verdade, uma revolução. Antes as plantas eram captadas mais como objetos do que como seres vivos. Compreensão que alterou a percepção de como pessoas comuns foram introjetando um novo entendimento sobre as plantas, compreendendo-as como organismos inteligentes, não distintos dos animais. Graças a essa descoberta de Pfeffer, atualmente discutimos vários tipos de movimento das plantas que evidenciam modos de cooperação e coexistências, os quais colaboram para “distingui-los entre ativos e passivos e compreender os mecanismos pelos quais ocorrem, mesmo na ausência de músculos” (MANCUSO, 2019, p. 63).

Necessitamos modificar o pensamento de que a figura humana é o centro de tudo, uma vez que sabemos que um entendimento de coexistência é acionado por aquilo que promove uma diferença na relação com algo ou

alguém a partir do que nos cerca e habita esse mundo. Como nos alerta o líder do povo krenak e ativista Ailton Krenak, precisamos abandonar o antropocentrismo. “Alguns povos têm um entendimento de que nossos corpos estão relacionados com tudo o que é vida, que os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos” (KRENAK, 2020, p. 45).

Entre distintas espécies de seres vivos compomos esse mundo. Não podemos nos dissociar de que há vida além de cada um de nós, seres humanos. Fala-se tanto em diversidade, assim precisamos estar atentos também à biodiversidade. Torna-se imperativo responsabilizarmo-nos pelo modo como estabelecemos convivências nesse mundo, de modo mais horizontal. Caso contrário, distintas catástrofes nos engolirão.

Dessas perspectivas, evoco a ideia de *coisas vivas* (BASTOS, 2020, 2021), como estratégia para demarcar referências a tudo que nos envolve enquanto possibilidades nesse mundo. Nesse horizonte, as coisas se conectam num mundo de movimento e devir, no qual qualquer coisa – apreendida no tempo-espaço³ – envolve construções de relações a partir de acasos e possibilidades. De *coisas vivas*, sublinhamos o conceito de harmonia, que demarca convivências e fricções que se dão também a partir das diferenças. Sejam plantas, bichos, gente, pedra, mar, rio, cidade ou ruas. Em um mundo assim, surgem oportunidades de entendermos a natureza de coisas que simplesmente se conectam. Nessa compreensão a humanidade está implicada na natureza e vice-versa. Nessa direção, Krenak nos reforça que “Tudo é natureza. O cosmo é natureza”. (KRENAK, 2020, p. 83).

Desses mecanismos de construção e convivências, transferimos nosso foco para as relações que influenciam nossa sociedade considerando seus processos sociais e políticos. À luz do filósofo e pesquisador Pierre Dardot,

³ A escrita do termo “tempo-espaço”, junto, é fundamentada na epistemologia da teoria da relatividade proposta por Albert Einstein. Segundo essa teoria, o tempo não é uma entidade separada do espaço, mas sim uma dimensão integrada a ele. Assim, o espaço e o tempo são indissociáveis e devem ser compreendidos como uma única entidade. Esse conceito foi introduzido por Einstein em sua obra *A Teoria da Relatividade*, publicada em 1905. Ao desenvolver essa teoria, ele demonstrou que a noção de tempo absoluto, como proposta por Isaac Newton, não se aplicava ao universo, pois o tempo era relativo a sistemas de referência. A partir disso, ele propôs a ideia de um espaço-tempo quatro-dimensional, no qual o tempo e o espaço estavam interligados. Assim, escrever tempo-espaço junto é uma forma de reconhecer essa interdependência entre as duas dimensões.

junto com o professor de sociologia Christian Laval, interrogamo-nos que comuns se fazem possíveis, entendendo-os como construção política (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 485). Nessa proposição do agir comum, são suscitadas novas relações e novas práticas. Nota-se postura de isolamento, pela qual somos capturados, assim como nos reincide estarmos nos mesmos espaços, com as mesmas pessoas, nas mesmas teorias, por exemplo; são sintomas que vão evidenciando que estamos mais estabilizados em determinados moveres. Tais moveres nos devolvem em percepção de que estamos mais isolados, tornando imperativo refletir sobre práticas que favorecem convergências das mais diversas atividades na direção do comum. A pesquisadora Christine Greiner vai nos apresentar a ideia de que “poderíamos revitalizar um comum processual, onde as instâncias do individual e do coletivo apareceriam borradas o tempo todo” (GREINER, 2019, p. 57). A partir dessas evidências, precisamos recuperar um fôlego. Nesse comum, não devemos desprezar a coexistência entre diferentes espécies. O desafio é como potencializamos as distintas vozes que habitam esse comum.

Atualmente, a questão ambiental é prioridade em termos de futuro e continuidade do planeta em suas distintas formas de vida. A escritora e documentarista Eliane Brum nos relata sobre uma expedição à Floresta Amazônica, ao lado do professor de antropologia William Balée, um dos expoentes do conceito de *ecologia histórica*, “que investiga como as pessoas humanas interagiram com o meio ambiente ao longo do espaço e do tempo” (BRUM, 2021, p. 21). A ideia apresentada descreve a relação entre paisagem e espaço como uma interação dinâmica, conforme a perspectiva de Balée. Assim, ao longo do tempo, essas dimensões se entrelaçam em fluxos que se cruzam. “Paisagens são encontros de pessoas e lugares cujas histórias estão impressas na matéria, incluindo matérias vivas” (BALÉE *apud* BRUM, 2021, p. 21). Nas palavras de Brum:

O que cada um vê não é o mesmo, nunca. Mas quando Bill olha para a floresta, busca desvendar uma conversa entre as árvores, os arbustos, os cipós e tudo o que é classificado como botânica e as pessoas que viveram séculos ou milênios antes. Quer compreender qual paisagem elas criaram para além do que está diante dos olhos que a enxergam hoje. E também o que essa paisagem pode nos contar sobre o futuro. (BRUM, 2021, p. 21).

É interessante esse deslocamento do entendimento de paisagem, antes compreendido como algo mais fixado no tempo-espaço, e que, na perspectiva de Balée, nos incita a repensar paisagem como possibilidades de diálogos entre aqueles que convivem num mesmo ambiente. E não somente isso, incita-nos a pensar sobre as vidas que ali estiveram. Murmúrios de tempos entre hoje e o que virá a ser, sem perder vestígios de antes. Tudo em um contínuo mover.

Ao referendarmos a Floresta Amazônica nessa expedição realizada por Brum e Balée, reforça-se que não é e nem será a única em nossa implicação e responsabilidade no mundo para preservação do meio ambiente. Cada árvore cortada por uma motosserra são vidas, gerações, narrativas silenciadas. O corpo que somos e estamos hoje carrega em seus genes pensamentos de florestas, de antepassados, de histórias acontecidas e de outras que virão.

Perante o exposto, comentamos sobre um curso intitulado “O ano que vem chegou” (2022)⁴, proposto por Katz, cuja introdução nos apresentou o verbo “minhocar”. Nessa provocação, ela nos pergunta: como podemos aprender com as minhocas? Sua estratégia vem sendo movida a pensarmos modos de resistências, considerando o modo como as mídias sociais vão nos capturando e nos modulando a interagir sempre rapidamente, num certo automatismo. Nessa provocação, ela nos alerta e nos explicita sobre nossa dificuldade de como lidar com a frustração. Um exemplo são as demandas impostas quase que diariamente pelas instituições em que muitos/as de nós pesquisadores/as estamos inseridos/as. São tantas urgências, que, num dado momento, vão incutindo na maioria de nós, pesquisadores, um sentimento de dívida e culpa, simplesmente pelo fato de não darmos conta de responder a tantas demandas nos prazos que nos são impostos. Daí, é dado o gatilho para criarmos ações que respondem, mas não necessariamente geram desdobramentos mais complexos.

Ao sublinhar a provocação de Katz para observarmos o mundo das minhocas, ela nos chama atenção para que nos afastemos da ideia de

⁴ Esse curso foi dado no primeiro semestre de 2022, formato online, por Helena Katz. Apresenta-nos a ideia do “minhocar” como metodologia tendo o corpo como eixo central.

respondermos rapidamente em relação a algum problema que nos é apresentado. Nessa proposição, insiste-se que fiquemos com o problema, enquanto estratégia de deixar a questão ficar convivendo e habitando em cada um de nós, conforme Haraway (2016). É uma articulação a fim de aprendermos a ficar com um determinado problema. Do seu ponto de vista, aprender a ficar com o problema é aprender a lidar com o presente. Sua preocupação é que estamos muito subservientes à causalidade. Lembremos que a vida não é somente causal. A proposta é ficar com um problema, qualquer que seja, e desativar essa compulsão de resolução imediata. A pesquisadora nos convida a nos afastarmos do dimensional, que seria continuarmos respondendo sempre com as mesmas estratégias. Por isso, seu convite ao aprendizado com as minhocas para escapar da tirania do dimensional. Lembremo-nos de que as minhocas são seres que ficam no subterrâneo da terra explorando possibilidades de caminhos, sem vir à tona. Precisamos conviver com o problema e construí-lo. Isso é uma estratégia na tentativa de nos distanciarmos da escala produtivista, que é darmos respostas rapidamente sem maturarmos um problema quando este nos é lançado.

O naturalista e biólogo Charles Darwin (1809-1882) nos ensina que existe outro tipo de projeto que não está pautado apenas na casualidade. E, ao que tudo indica, nada se repete. Recuperemos seu “Projeto da evolução” (1859), talvez o ano mais importante da história do mundo. Esta é a data da publicação de *Sobre a origem das espécies*.

Nesse arrazoado, defendemos que um processo de criação trabalha com outras forças. Está atado a um movimento adivinhatório, isto é, qualquer projeto nasce do acaso, o qual, conseqüentemente, gera transformação e mudança. E a vida é acaso e mudança. Podemos entender a vida como uma combinação de eventos aleatórios e mudanças constantes. Quando falamos de evolução, estamos lidando com uma ideia que está mais próxima do acaso. Ao expandirmos nossas capacidades, é preciso ter em mente que isso deve ser feito de forma adaptativa. Devemos sobreviver, porém não ao preço de outro. Expandir é a ideia de adaptar.

Figura 2. Ação Bordados de corpus, Ocupação José Bonifácio 237, São Paulo, 2022.



Registro da autora.

Bordar. Estratégia para performar uma dor.

Nessas imbricações, fui evocando *Corpo sem vontade* (BASTOS, 2017). Em algum nível, dialoga com a proposição de Katz ao nos convidar a ficar com um problema, esquivando-se de táticas que em geral são resultantes de um certo automatismo engendrado no cotidiano de cada pessoa. *Corpo sem vontade* enuncia um modo de o corpo existir. A proposta é como qualificar uma vontade. Há uma estratégia de tentar se afastar de respostas usualmente demarcadas por nossos hábitos cotidianos.

Ao propor *Corpo sem vontade* reconheço que vivemos hoje em uma sociedade que exige de cada indivíduo uma performatividade de sucesso. Precisamos parecer estarmos juntos, e sabermos como nos individualmos no coletivo. Todavia, alguma coisa parece estar ocorrendo nos processos de individuação. Uma sensação diante desse panorama é que estamos imunizados ao que seria coletivo no panorama político. Este é um exemplo de *Corpo sem vontade*, quer dizer, um processo cognitivo que nos atravessa e é conservado pelas experiências sociopolíticas que vivemos. *Corpo sem vontade* não é uma experiência da ordem do absoluto porque vai perfurando o viver e se manifestando em maneiras plurais na tentativa de criar caminhos que se afastam de pensamentos já sacralizados enquanto verdades. É compreender outra qualidade de vontade. (BASTOS, 2017, p. 43).

Nesse fluxo, *Corpo sem vontade* conversa com a proposta *Minhocar* de Katz. Incide no modo como vamos aprendendo a conviver com um determinado problema. Na minha proposta, interrogo-me sobre como qualificar uma vontade.

O qualitativo se processa como tentativas de não cair numa produção em série. Enquanto resultante de nossa natureza corpada (KATZ, 2021), o significado chega até nós a partir de padrões, imagens, conceitos, qualidades, emoções e sentimentos que constituem enquanto base de nossa experiência, pensamento e linguagem. De toda maneira, ao sublinharmos uma convivência mais expandida de tempo com um problema, a tendência é de absorvê-lo e ir maturando-o de outro jeito. Precisamos dar tempo para que outras possibilidades de moveres surjam das conexões que uma experiência nos envolve. Essa elaboração é processual, além de ser dependente do modo como nos disponibilizamos a ir descobrindo caminhos. Assim, exercitamos olhar e mover de outro jeito. É nessa qualidade de procedimento que uma novidade pode brotar.

Dialogando com *Corpo sem vontade*, foi surgindo *Bordados de corpus*, tecido desde meu pós-doutorado⁵, em que pude estar mais perto do coletivo Fuentes Rojas⁶. Tal ação, em síntese, borda mensagens de denúncias em lenços na cor branca. Essas mensagens evocam vidas silenciadas de modo violento. No tempo, a ação dos bordados foram nos contando e confirmando como a necropolítica se dá. Como bem nos aponta o filósofo camaronês Achille Mbembe:

que a expressão máxima de soberania reside, em larga medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode e quem não pode viver. Por conseguinte, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, as suas características fundamentais. Exercer a soberania é exercer o controle sobre a mortalidade e definir a vida como uma realização do poder. (MBEMBE, 2017, p. 107-108).

Ao referir-se à forma como o poder político se estabelece e se mantém por meio da gestão da morte e da violência, Mbembe vai nos apresentar a necropolítica. Segundo o autor, a necropolítica é uma forma de governo que

⁵ Realizado na Cidade do México com a supervisão de Ileana Diéguez Caballero, na Universidad Autónoma Metropolitana (UAM) de Cuajimalpa, em 2015 e 2016.

⁶ O coletivo se formou em 2011 na Cidade de México.

se concentra em quem merece viver e quem merece morrer e utiliza a violência e a opressão para manter o controle sobre a população. Essa teoria nos aponta várias situações, desde política migratória até repressão de movimentos sociais, visando analisar como o poder político usa a morte e a violência como ferramentas para manter o *status quo*.

Atravessando a necropolítica abordamos o termo necroestética, que entrelaça a morte, a violência e a estética. Nessa linha, talvez uma pista seria focar a necropolítica por meio das artes, da cultura e da estética – no sentido de *aísthēsis*, do grego antigo, que denomina sensação e percepção.

Desse viés, temos refletido a noção de necroestética, premissa para o desenvolvimento da noção de necrolhar. Como bem argumenta o psicanalista Frantz Fanon (1925-1961): “Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p. 33). Fanon retoma a célebre máxima de Karl Marx e nos leva a refletir que “O problema não é mais conhecer o mundo, mas transformá-lo.” (MARX *apud* FANON, 2008, p. 33). Nessa perspectiva, ele aprofunda: “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.” (FANON, 2008, p. 33).

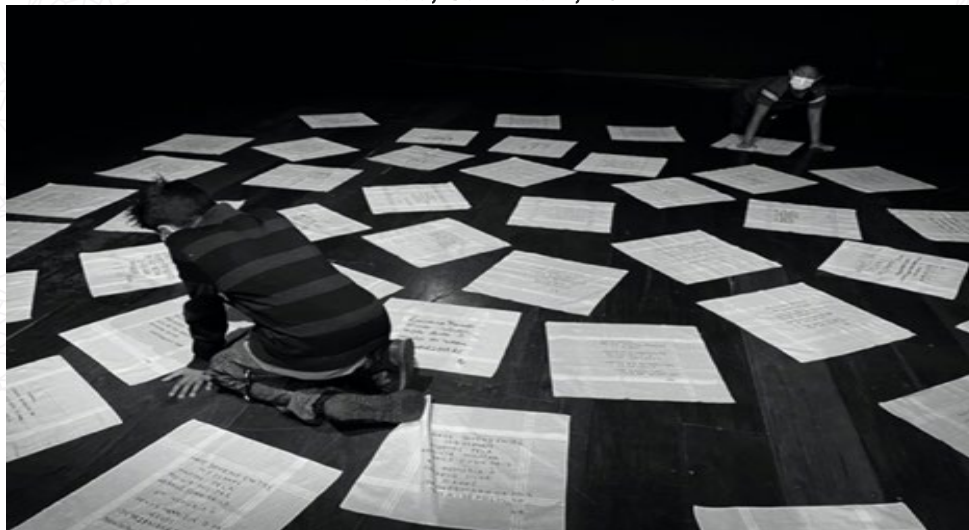
Em suma, a necroestética é uma maneira de entender como a morte, a violência e a estética estão interligadas, bem como de examinar o papel que as representações da morte e da violência podem desempenhar na política, na cultura e nas artes. Com o apoio desse discurso, percebemos que os lenços bordados expõem a população mais vulnerável como as pessoas pretas, povos indígenas, população LGBTQ+, pessoas pobres, população de rua, população carcerária, mulheres e lideranças de movimentos sociopolíticos.

No contexto da violência no Brasil, a necroestética pode ser usada para entender como a estética da morte e da violência é representada e estilizada na cultura brasileira, bem como para examinar o papel dessas representações na manutenção e reprodução da violência. Esta é frequentemente retratada de maneira glamourizada, como algo que é necessário ou inevitável, ou como uma forma de resolver conflitos pessoais ou coletivos. Essas representações podem ter um impacto negativo na percepção das pessoas sobre a violência

e na sua capacidade de resistir a ela. Em resumo, a necroestética pode ajudar a entender a relação entre a estética da morte e da violência e a violência no Brasil.

Dessa forma, exploramos como o gesto de bordar pode sublinhar ações em um certo nível, que dimensionem a violência que nos cerca, nos envolve e/ou nos mata. Nessa condução, apresenta-se *Bordados de corpus* como ações performativas que discutem uma dor. Performar uma dor, nesse caso, é materializar gestos de denúncias a partir de lenços bordados. Vidas são banidas por diversas formas de violência que nos afetam. Performar uma dor é uma estratégia de ação performativa que nos conecta com um sofrimento. Precisamos criar formas de materializar uma dor. No trabalho de bordar, de certa maneira, algumas instâncias se materializam nesse contato. A performance proporciona uma experiência compartilhada movida por denúncias, jogando luz àqueles que sofrem ou enfrentam situações limite de violência. Nesse caso, vidas foram ceifadas de modo violento, e os lenços bordados nos evidenciam um nome, idade, quando, onde, como. Os bordados colaboram em algum nível com o enfrentamento da violência. Cada lenço bordado nos dá a dimensão de uma dor.

Figura 3. Ação performativa III: Bordados de corpus, Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo, 2022.



Registro da autora.

Os silêncios nos praticam

Retornando ao início deste texto, alertamos que nossa percepção vem sendo treinada a ver muita coisa ao mesmo tempo; da mesma maneira, temos dificuldade de focar as questões até aqui apresentadas. Neste fechamento, sublinha-se a relevância de praticarmos silêncios enquanto estratégias de respostas para desafios que nos são lançados. Sublinha-se a elaboração de caminhos, praticados por ações que nos tocam em suas urgências, exigindo respostas que não nos dão tempo de maturação. Não à toa, vamos respondendo sempre de um mesmo jeito, beirando níveis que tendem a uma superficialidade. A convivência prolongada com um problema pode levá-lo a ser absorvido e maturado de maneira diferente, permitindo outras possibilidades de ação e descoberta de caminhos, abordagem que pode nos levar a novas perspectivas e *insights*.

Entre moveres de perto e longe, precisamos dar tempo para perceber outros caminhos que deveriam se afastar do modo compulsivo como agimos nessa sociedade produtivista. Essa percepção precisa de tempo. Por isso, trouxe os movimentos das plantas, a fim de que pudéssemos compreendê-las como organismos inteligentes (MANCUSO, 2019). Em seus ambientes, promovem muita vida, a partir do local onde estão estabelecidas. Elas nos ensinam sobre escutar o tempo.

Precisamos estar atentas/os com as atuais lutas. São altamente complexas e entrelaçadas, abrangendo não apenas questões políticas e econômicas, mas também questões ambientais, culturais e sociais. Para criar uma política efetiva do comum, é preciso levar em conta todas essas dimensões. Necessitamos reconhecer a “interdependência de todas as naturezas que estruturam nossos universos de vida e trabalho, nosso imaginário e inteligência.” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 487).

De forma diferente, mas complementar, trazer o *Minhocar* de Katz (2022) nos sublinha a relevância de aprendermos a conviver com um problema para não sairmos replicando a partir dos mesmos jeitos que operamos sempre. Sabemos que essa verticalização nem sempre é possível.

Mas prestar atenção já é uma provocação sobre nossos hábitos do dia a dia. Reconhecemos que a cada escolha adotamos também uma alteridade no mundo, entendendo-a como deslocamentos estéticos a partir de fruições que outras pessoas nos envolvem e nos deslocam. Nesse mover, há confluência com *Corpo sem vontade* que questiona uma vontade produtivista. “Para verticalizar qualquer pensamento no corpo precisamos de tempo, e hoje nossa sociedade o que nos furta, é o tempo.” (BASTOS, 2017, p. 80).

Dessas projeções, compreende-se que para haver transformação e qualificar uma determinada ação, precisa acontecer um certo esvaziamento, para que possamos averiguar outros modos de existir. Precisamos criar espaço para os vazios. Os bordados nos ensinam sobre isso. Cada lenço bordado é uma ação performativa. Os lenços em denúncias não vão resolver o problema da violência, mas, em algum nível, essa informação vai comunicando e envolvendo cada pessoa comprometida nessa performance. O mundo, mais acelerado e barulhento, facilita que nos percamos em meio a estímulos excessivos. O silêncio pode ser um espaço de introspecção e reflexão, sem abdicar da ideia de ação. Entre pausas e vazios, os silêncios nos praticam a escutar o tempo.

Seringueiro, ambientalista Chico Mendes, 44 anos. Assassinado com tiros de escopeta no peito, 22/12/1988. Xapuri, AC • Missionária Dorothy Stang, 73 anos. Assassinada com seis tiros, 12/2/2005, Anapu, PA. • Arthur Bencid, 5 anos. Menino vítima de bala perdida. 1/1/2018, Vila Sonia, São Paulo, SP • Servidora Pública Giselle Evangelista, 38 anos. Femicídio qualificado. 16/2/2018, Goiânia, GO • Eva Barbosa Lima, 42 anos. Moradora de prédio ocupado. Desaparecida forçada pela queda do prédio Wilson Paes de Almeida causada por incêndio. 1/5/2018, São Paulo, SP • Werner da Silva Saldanha, 10 anos. Morador de prédio ocupado, irmão de Wendel. Morto pela queda do prédio Wilson Paes de Almeida causada por incêndio. 1/5/2018, São Paulo, SP • Wendel da Silva Saldanha, 10 anos. Morador de prédio ocupado, irmão de Werner. Morto pela queda do prédio Wilson Paes de Almeida causada por incêndio. 1/5/2018, São Paulo, SP • Mestre Moa do Katendê – Romualdo Rosário da Costa, 63 anos. Morto com 12 facadas. Discussão

político-partidária. 8/10/2018, Salvador, BA • Líder indígena Waldemar Pian Kanamari, 39 anos, em 2019 • Angelita Cristiane Freitas de Assis, 37 anos. Funcionária do setor de medicina do trabalho. Desaparecida forçada após rompimento da barragem da Mina do Córrego de Feijão. 29/1/2019, Brumadinho, MG • Nove jovens entre 14 e 23 anos, mortos pela Polícia Militar no “Baile Funk da 17”, Bruno Gabriel dos Santos, 22 anos. Dennys Guilherme dos Santos Franca, 16 anos. Denys Henrique Quirino da Silva, 16 anos. Eduardo Silva, 21 anos. Gustavo Cruz Xavier, 14 anos. Gabriel Rogério de Moraes, 20 anos. Luara Victoria de Oliveira, 18 anos. Marcos Paulo Oliveira dos Santos, 16 anos. Mateus dos Santos Costa, 23 anos. 1/12/2019, Paraisópolis, São Paulo, SP. • Bailarina e capoeirista Magó – Maria Glória P. Borges, 25 anos. Vítima de Femicídio. 26/1/2020, Mandaguari, PR • Capoeirista Cris Nagô – Cristiane Soares, 43 anos. Vítima de Femicídio. 1/2/2020, Campina Grande, PB • Julia Sofia dos Santos, 4 anos. Casa atingida por um deslizamento de terra. 30/1/2022, Embu das Artes, SP • Morador de rua Isaías de Faria, 66 anos. Morreu de frio. 18/5/2022, São Paulo, SP • Guarda Municipal Marcelo Arruda, 50 anos. Morto a tiros por intolerância política. 10/7/2022. Foz do Iguaçu, Paraná • Cabeleireira Sandra Maria de Sousa Silva, 34 anos. Femicídio qualificado. 22/7/2022, São Paulo, SP • Indigenista Bruno Araújo Pereira, 41 anos. Morto na região amazônica em emboscada. 5/6/2022, Vale do Javari, AM • Jornalista britânico Dom Philips, 57 anos. Morto na região amazônica em emboscada. 5/6/2022, Vale do Javari, AM • Amanda Ribeiro, de 10 anos. Vítima de violência. 7/6/2021, Rio Anajás, PA • Wellen Kássia Cardoso de Melo, 35 anos. Femicídio qualificado. 12/7/2022. Uberlândia, MG • Genivaldo de Jesus Santos, 38 anos. Morto por asfixia mecânica. 25/5/2022. Umbaúba, SE • Jovem pataxó Nawir Brito de Jesus, 17 anos. Morto a tiros. 17/1/2023 em Itabela, região na Terra Indígena Barra Velha, BA.

Bibliografia

- BASTOS, Helena (org.). **Coisas vivas. Fluxos que informam**. São Paulo: ECA-USP, 2021. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/716/636/2368>. Acesso em: 15 maio 2023.
- BASTOS, Helena. Corpo sem Vontade Imerso em Coisas Vivas. **Rascunhos: caminhos da pesquisa em artes cênicas**, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/55694>. Acesso em 15 maio 2023.
- BASTOS, Helena. *Corpo sem Vontade = Cuerpo sin voluntad*. Revisão e tradução de Martina Altalef – São Paulo: ECA/USP: Cooperativa de Dança, 2017.
- BRUM, Eliane. **Banzeiro Òkòtó: Uma viagem à Amazônia centro do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI**. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- GREINER, Christine. O corpo e os mapas da alteridade. –Moringa: artes do espetáculo, João Pessoa, v. 10, n. 2, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2177-8841.2019v10n2.49816. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/49816>. Acesso em: 1 abr. 2023.
- HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble**. Making Kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Pesquisa e organização de Rita Carelli. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas**. Um novo modelo para o futuro. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.
- MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.